

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Antropologia
70.910 - Brasília - DF.

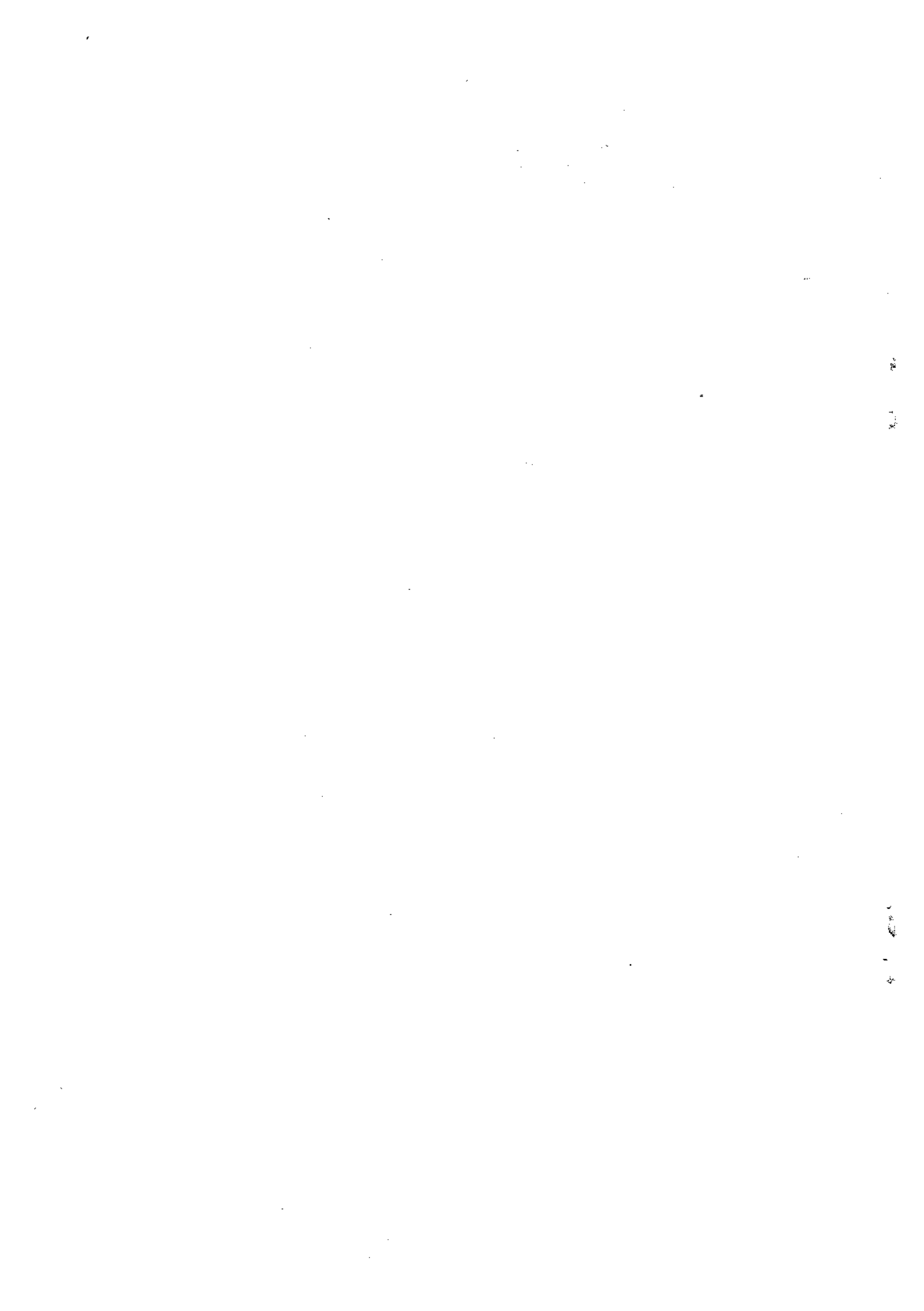
Fones.: 273.3264 (direto)
274.0022 - ramal 2368

SÉRIE ANTROPOLOGIA No. 82

SÓ PARA INICIADOS

Mariza G.S. Petrono

1 9 8 9



SÓ PARA INICIADOS

MARIZA G.S. PEIRANO

São quatro autores clássicos da antropologia os personagens do livro recente de Clifford Geertz, *Works and Lives. The Anthropologist as Author*.^{*} A primeira vista a impressão é de que se trata de um desdobramento do artigo de 1983 no qual Geertz propunha uma etnografia do pensamento moderno que se seguiria à etnografia de povós exóticos. Se a questão era se saber como outros organizam seu mundo significativo, estes outros tanto poderiam estar além-mar quanto no fim do corredor: "Agora somos todos nativos", proclamou Geertz (1983).

Dentro desta perspectiva, as várias disciplinas acadêmicas representariam "formas de estar no mundo" e, para estudá-las, três temas seriam de especial importância: no primeiro caso estariam os dados como descrições, medidas e observações. Argumentava Geertz que, "já que os estudiosos modernos não são mais solitários que os Bushmen" (1983:156), métodos antropológicos clássicos poderiam ser aplicados a ambos. As categorias linguísticas seriam o segundo tema, para as quais o autor confessava a sua simpatia: como na etnografia tradicional, quando o significado de termos-chaves é discernido, esclarece-se muito da maneira como se vive no mundo. Finalmente, o foco de

atenção estaria na observação do ciclo de vida, no qual fenômenos sociais, culturais e psicológicos estariam impressos no contexto de carreiras acadêmicas. É com esta expectativa, a de encontrar uma etnografia da antropologia, que se pode ler *Works and Lives*, publicado em 1988.

O livro é construído de maneira elegante. Entre uma introdução ("Being There") e uma conclusão ("Being Here") inserem-se quatro ensaios, cada um deles focalizando um autor clássico da disciplina: Lévi-Strauss, Evans-Pritchard, Malinowski e Ruth Benedict. A preocupação de Geertz, entre os temas metodológicos que havia estabelecido anteriormente, está no segundo deles: a linguagem. Geertz avisa no prefácio que, embora temas biográficos e históricos entrem eventualmente na discussão, o estudo se restringe principalmente à questão de como os antropólogos escrevem, ou, como diz o subtítulo, no problema "do antropólogo como autor".

A introdução "Being There" é sobre a pesquisa de campo e a conclusão "Being Here" diz respeito à academia. Segundo Geertz, o texto antropológico é levado a sério porque os autores conseguem demonstrar aquí, para seus leitores, que estiveram lá, ou que fizeram pesquisa de campo. A antropologia, desta perspectiva, é mais afim ao discurso literário que próxima do discurso científico; o desafio do antropólogo está em conciliar sua visão íntima da experiência de campo com o relato claro e moderado na transmissão desta experiência.

Na introdução Geertz assume algumas posições: primeiro,

ressalta que o exercício etnográfico coloca o antropólogo no papel de um escritor. O antropólogo não relata meramente, mas cria um texto literário. Segundo, ele propõe que não é possível separar o estilo do conteúdo ou, como elabora mais adiante no livro, "the way of saying is the what of saying" (:68). Terceiro, como a tarefa do antropólogo é extremamente complexa, Geertz não partilha o ideal da linguagem límpida e serena e prefere expressar suas dúvidas de modo a fazer afirmações "para depois sombreá-las, em termos de referências tendenciais" (:64).

Na conclusão Geertz vai dizer que não é no campo mas na academia que o trabalho do antropólogo se legitima. Esta é uma profissão que vive da e na academia: é porque os antropólogos escrevem, publicam, são revistos, citados, ensinados, que seus textos são legítimos. O escrever antropológico implica, assim, em questões morais, políticas e epistemológicas, questões estas que os "fundadores da discursividade" -- como então Geertz chama os quatro autores que examinou do corpo do livro -- não tiveram que enfrentar. Para Lévi-Strauss, Evans-Pritchard, Malinowski e Ruth Benedict, a dificuldade em transformar a experiência em palavras era apenas um problema técnico: hoje, esta dificuldade constitui-se em um problema moral. Embora tenham tido enormes dificuldades de formulação a enfrentar, eles foram poupados do esforço de justificar sua empreitada.

No corpo do livro, cada autor mencionado recebe um capítulo. Geertz encobre quatro ensaios pouco ortodoxos, nos quais elogia trabalhos desconhecidos de autores consagrados e condena trabalhos e autores considerados clássicos. Até então nada demais. No momento em que "agora somos todos nativos", são

desejáveis, senão bemvindas, as releituras, mesmo quando o tom é irônico e mordaz. O que incomoda no livro de Geertz é que a ironia parece desconcertante e desproposita e é usada para provar uma tese à qual nos é vedado o acesso até as últimas páginas do livro. Neste meio tempo, o próprio Geertz se vê envolvido em questões que são também morais, políticas e epistemológicas. De um lado, Geertz ignora de maneira aparentemente proposital as questões teóricas que os autores levantaram: já que tudo está na linguagem, a força retórica muitas vezes se confunde com o poder teórico de explicação. Por outro lado, faz falta o contexto intelectual no qual os autores escreveram. Apenas no caso de Ruth Benedict o contexto explica o estilo, o que torna desigual o argumento dos quatro ensaios. Finalmente, perturba a ausência de empatia com os autores. Foi Flaubert quem, em 1872, escreveu a Ernest Feydeau dizendo que "quando se escreve a biografia de um amigo, deve-se escrevê-la como se para vingá-lo" (cit. in Barnes, 1984). Nem Geertz se propõe escrever biografias, nem tampouco vemos em seus autores potenciais amigos. Com exceção novamente de Ruth Benedict, ele não os vinga mas, ao contrário, compraz-se em denunciar vivos e mortos, numa tarefa frequentemente ingrata. O antropólogo deixou de ser herói.

Ingrato, por exemplo, é mostrar como o melhor ou único trabalho viável de Lévi-Strauss é Iristes Irorigues -- quando sabemos que esta não foi a antropologia que Lévi-Strauss quiz perpetuar --; ou que o obscuro relatório de guerra escrito por Evans-Pritchard, "Operations on the Akobo", é tão útil para

desmistificar a (falsa) segurança do autor com qualquer de suas obras mais conhecidas. Ingrato é usar o diário de campo de Malinowski apenas como pretexto para admoestar três jovens autores sobre os perigos da elaboração monográfica. Finalmente, é Ingrato alçar Ruth Benedict ao panteão dos clássicos porque simplesmente esta autora conseguiu a proeza de mostrar, com enorme sucesso de venda e, por conseguinte, força retórica, o estranho no familiar, "nativizando", assim, os norte-americanos. Talvez percebendo sua postura geral, quase na metade do livro Geertz fala da sua ansiedade em não ser visto como alguém que procura desmascarar, desmistificar, desconstruir ou diminuir seus autores, aos quais, confessa, "incluindo E-P, eu tenho o maior apreço, quaisquer que sejam nossas diferenças de posturas sociais" (:59).

Esta ansiedade é justificada. Quem denuncia, ironiza, critica, tem o compromisso de apresentar alternativas, sob pena de que as denúncias, ironias ou críticas não passem de manifestações inconsequentes de virtuosismo retórico. Voltaremos a este ponto. Por enquanto, vejamos em mais detalhes o que Geertz diz sobre os nossos clássicos.

*

Lévi-Strauss é o primeiro e a surpresa não demora: Geertz, para quem o estruturalismo nunca foi abordagem de predileção, faz uma leitura amável e simpática de Lévi-Strauss. As duas posturas eram tidas como opostas: enquanto para a antropologia de Geertz os fenômenos sociais são textos para serem interpretados, o estruturalismo os tem como enigmas para

decifrar, independentemente do sujeito, do objeto e do contexto (Geertz, 1983:449). Mais: a interpretação proposta por Geertz vem unida a uma perspectiva particularista, enquanto o estruturalismo de Lévi-Strauss é universalista por definição.

Mas aqui, entre todas as obras de Lévi-Strauss, o livro escolhido é Tristes Tropicais, que é visto como notável porque nele o autor conseguiu combinar uma enorme diversidade. Ora Lévi-Strauss é o viajante, no momento seguinte é etnógrafo, ao mesmo tempo desenvolve reflexões filosóficas e, às vezes, escreve o que seria um tratado reformista (:35-9). O segredo desta riqueza, diz Geertz, é que Lévi-Strauss não escreveu Tristes Tropiques como um meio para atingir algo, mas como um texto em si: ele é, portanto, um documento da mentalidade simbolista dos franceses no seu encontro com outras mentalidades simbólicas (Bororo, Caduveu, Nambikwara), as quais procura penetrar na sua coerência interna a fim de encontrar a réplica de si própria. Tristes Tropiques enfatiza a afinidade da memória, da música, da poesia, do mito e do sonho e é, para Geertz, nada menos que A la recherche du temps perdu de Lévi-Strauss.

Proustiano ou não, há mais ainda a favor do livro: é aí que Lévi-Strauss deixa claro que não há continuidade na passagem entre experiência e realidade e chega a afirmar que "para encontrar a realidade precisamos inicialmente repudiar a experiência mesmo que, mais tarde, a reintegremos numa síntese objetiva na qual a sentimentalité está excluída" (cit. in Geertz, 1988:46). Este tema, privilegiado para Geertz, é reforçado pelos temores que Lévi-Strauss experimenta quando, ao procurar os

desconhecidos Tupi-Kwahib, ele encontra só estranhamento: "Lá estavam eles ... perto como o reflexo no espelho: eu podia tocá-los, mas não podia entendê-los" (cit.:47). Esta experiência, que foi para Lévi-Strauss recompensa e punição, explica para Geertz a opção pelo estruturalismo universalizante, opção esta que, ao dissolver o contato imediato, dissolveu junto o estranhamento.

Esta interpretação de Geertz é bastante sugestiva. Mas é preciso reconhecer que ela omite o fato de que Iristes Iropiques não foi escrito antes, mas paralelamente às obras "antropológicas" de Lévi-Strauss: o livro foi publicado seis anos depois de As Estruturas Elementares do Parentesco e sete antes de O Pensamento Selvagem. O livro é um texto livre, que hoje pode ser recuperado como exemplo de construção de texto porque não foi escrito como tal na década de 50: naquela época, a antropologia ainda vivia a questão da sua cientificidade, tanto assim que concebê-la como arte foi motivo de ruptura entre Evans-Pritchard e Radcliffe-Brown. O contexto no qual Iristes Iropiques foi escrito é o mesmo que produziu, por exemplo, The Savage and the Innocent e Akwé-Shavanie Society (Maybury-Lewis, 1965 e 1967): o primeiro, um livro reflexivo sobre a experiência etnográfica; o segundo, a antropologia propriamente dita. O que Lévi-Strauss sacrificou então em termos de estranhamento etnográfico ele aproveitou, em seus clássicos O Pensamento Selvagem e Totemismo Hoje, para enriquecer sua proposta de explorar os mecanismos simbólicos da mente humana. Assim, é saudável recuperar Iristes Iropiques, mas é preciso termos consciência de que esta recuperação significa que o submetemos a uma bricolage no tempo,

atribuindo-lhe valores que são fruto de nossas preocupações contemporâneas.

*

Evans-Pritchard. É impossível não se especular se uma boa dose de capricho, para não dizer perversidade, não fez Geertz escolher justamente "Operations on the Akobo, 1940-1", publicado num periódico militar inglês, como texto para analisar o trabalho de Evans-Pritchard. É o próprio Geertz quem diz que para seu propósito "almost any line of E-P ... would do" (:49), da primeira página de Witchcraft a Nuer Religion. Geertz justifica afirmando que "Operations" permite discernir melhor os limites do discurso de Evans-Pritchard ou, na concepção wittgensteiniana, os limites do seu mundo.

Em "Operations", Evans-Pritchard relata sua participação na primeira fase da Segunda Guerra, descrevendo suas atividades no Sudão como um bush-irregular. O texto mostra, segundo Geertz, como Evans-Pritchard prova, de maneira exemplar, que esteve "lá", recrutando nativos, fazendo alianças com os reis Anuak, criando emboscadas para os Italianos. Os Anuak eram difíceis de se disciplinar ("gostavam de marchar e combater, mas não simplesmente marchar") e foram fundamentais na desocupação da área. No final da expedição, Evans-Pritchard é mandado a contragosto de Gila para a Etiópia, com a finalidade de demonstrar a dominação britânica. Isto ele faz no sentido mais literal, levando uma bandeira e fincando-a em todas as aldeias em que acampavam.

Para Geertz, "Operations" mostra claramente a estratégia textual de Evans-Pritchard, baseada no contrato narrativo entre o autor e seus leitores. O estilo de Evans-Pritchard pressupõe que tudo que é dito deve ser dito de forma clara, confiante e sem complicação. A falta de envolvimento do autor é cuidadosamente preservada e se reflete na pontuação extremamente simples e regular: nas palavras de Geertz, "as few commas as possible, mechanically placed, and hardly any semicolons at all: readers are expected to know when to breathe" (:80). Outras características apontadas por Geertz: a paixão pelas frases simples do tipo sujeito-predicado-objeto; ausência de citações em língua estrangeira; preferência pelo declarativo explícito, sem jargão. Em suma, um estilo petulante. A insinuação é a de que, mesmo no relato dramático de uma situação de guerra, Evans-Pritchard não abandona o tom sereno e objetivo.

Evans-Pritchard parece incomodar profundamente Geertz. Apesar de reconhecer "the maddening brilliance" dos textos de E-P (:49), Geertz sente-se aparentemente atingido pela segurança, simplicidade, equanimidade, superioridade e estilo coloquial do autor (:49). Numa passagem que seria empobrecedor traduzir, Geertz resume sua visão:

"It would be as unwise to assume that Evans-Pritchard was anything less than intensively aware of the figure he is cutting here as it would be to swallow him or his story whole. The tale has clearly been through too many pub recitals to be the offhand account it so industriously pretends to

Se o texto é seguro e limpo, é porque Evans-Pritchard não sentiu a ambiguidade na relação entre a experiência e o texto. Acrescente-se ainda que Geertz não dá muito crédito a Evans-Pritchard por seus trabalhos. Para Geertz, os estudos clássicos de Evans-Pritchard apenas mostram que ele foi capaz de encontrar algo que existe na nossa cultura mas que não existe em outra. Por exemplo, entre os Azande, descobriu a preocupação com causas naturais e morais; entre os Nuer, detectou a ausência da lei do estado e da violência. Ao adotar um estilo equânime, Evans-Pritchard confirma o domínio destes termos e mostra que as diferenças, por mais dramáticas, não contam muito -- oráculos de veneno, "ghost marriages", sacrifícios de pepino, todos adequam-se às categorias culturais da academia britânica e podem ser ilustradas com fotos posadas e desenhos técnicos.

Ficam algumas questões: primeiro, se Evans-Pritchard apenas tivesse confirmado as categorias européias, talvez seus trabalhos não se prestassem à reanálise e não suscitariam os debates sobre o pensamento primitivo e científico (por exemplo, Tambiah, 1985 e Horton, 1967). Segundo, se como diz Geertz, as fotografias dos livros de Evans-Pritchard fossem apenas emblemáticas, como interpretar as legendas, dirigidas a uma audiência tradicionalmente acostumada à realeza: "A witch-doctor divining at the court of Prince Ndoruma", "A nobleman, Bavongara", "A Zande courtier, with some of his wives and children"? Talvez Evans-Pritchard tenha sido mais sutil que a percepção de Geertz. Finalmente, sabemos que era propósito de E-P

fundir a linguagem da pesquisa com a linguagem da monografia, construindo novos conceitos que englobassem as duas, empreendimento que ele concebeu como "tradução etnográfica" (Evans-Pritchard, 1951, cap. IV). O problema de Geertz não estava tão ausente.

*

Chega a vez de Malinowski. Ele é importante para Geertz porque foi quem nos deixou o legado crucial da antropologia: concebendo a experiência etnográfica como uma imersão completa, Malinowski confrontou os perigos que espreitam a inevitável vida múltipla no campo: o isolamento, o contato com a população local, a memória das coisas familiares e do que se deixou para trás, as dúvidas sobre a vocação e, mais dramaticamente, o capricho das paixões, as fraquezas do espírito e a falta de direção dos pensamentos. Em suma, a constituição do self e, depois, o desafio literário da passagem da experiência "out there" para aquilo que se diz "back here" (:78). Para se tornar um convincente "I witness", diz Geertz, o antropólogo deve primeiro tornar-se um convincente "I". O diário de Malinowski mostra este processo.

O diário mostra também um problema comum aos diários em geral: a crença na sinceridade que, segundo Geertz, é uma futilidade, depois de Freud, Sartre e Marx. A nova geração, contudo, parece desconhecer o dilema do diário, que no caso etnográfico é sempre parte scholarship e parte auto-reflexão. Os jovens cada vez mais optam pela construção de textos no estilo

"etnografia-tipo-diário" e invariavelmente confrontam-se com as ansiedades literárias decorrentes.

Geertz escolhe três livros de autores da nova geração, a quem chama de "filhos de Malinowski": de Paul Rabinow seleciona *Reflections on Fieldwork in Morocco*; de Vincent Crapanzano escolhe *Ithami*, e *Moroccan Dialogues* de Kevin Dwyer. Apesar dos diferentes estilos os três autores chegam, por vias diversas, ao impasse da sinceridade: Rabinow mostra-se um clássico no estilo *éducation sentimentale*; Crapanzano fecha-se no círculo psicanalítico com seu informante e Dwyer apresenta seus diálogos de forma integral e não seletiva. A estes textos correspondem diversas construções do "eu": Rabinow é o homem incompleto, vago para si próprio e para os outros; Crapanzano é figura esculpida, trabalhada e polida; Dwyer é retoricamente negado ao se apresentar apenas como interlocutor de seu informante marroquino. O desconforto que os três autores partilham em relação ao fazer etnográfico mostra, em Rabinow, o antropólogo adaptável à experiência; em Crapanzano, o intelectual *mandain* e em Dwyer, o moralista determinado.

Ao leitor de Geertz resta apenas a descoberta que os três autores não são filhos de Malinowski, mas do próprio Geertz. Malinowski é pretexto. Rabinow, Crapanzano e Dwyer tem em comum o diálogo com Geertz (Rabinow, 1985; Crapanzano, 1985; Dwyer, 1982; ver Trajano, 1988) e só indireta e de forma remota com Malinowski. Neste processo, descobre-se um elo de parentesco encoberto: a filiação de Geertz a Malinowski, já insinuada

anteriormente em "From the native's point of view" (Geertz, 1983, cap.3), mas tornada aqui mais explícita, embora não reconhecida. Malinowski-etnógrafo, particularista, à procura do ponto de vista do nativo é o inspirador de Geertz, o etnógrafo interpretativo.

*

Com Ruth Benedict muda o tom dos ensaios. Agora, pela primeira vez, temos contexto e, mais, números. O contexto é o período entre-guerras e daquele imediatamente após a Segunda, de uma antropologia que prometia aos pesquisadores transformá-los em "cientistas" e da personalidade de uma mulher que inicia sua carreira já madura, em termos de idade e de realização profissional. Os números impressionam: 2 milhões de cópias para Padrões de Cultura e 350.000 para O Crisântemo e a Espada.

Diferentemente dos outros autores, alvos de críticas veladas e ironias finas, Ruth Benedict é redimida por Geertz por haver demonstrado força de expressão retórica e compreensão do momento político. Com um estilo adulto, seus textos são breves, vívidos e altamente organizados: são os livros certos para as horas certas, diz Geertz. Em Padrões de Cultura, Ruth Benedict junta os Zuni, os Kwakiuti e os Dobu para resgatar, a partir do contraste apolíneo/dionisíaco, o material etnográfico de modo a que o singular das descrições torne-se geral pelas implicações. Em O Crisântemo e a Espada, ela acentua as diferenças entre norte-americanos e japoneses de tal maneira que, ao descrever a incredulidade recíproca de um em relação à cultura do outro, o resultado é que o Japão surge como menos errático e arbitrário e

os Estados Unidos, mais "nativizados". Para os norte-americanos, naturalmente.

Este processo de "nativização" dos Estados Unidos é uma das realizações mais poderosas de Ruth Benedict na perspectiva de Geertz. Ela fez uso de uma estratégia simples: mostrou o estranho como familiar, apenas com sinais trocados. Não se trata de um procedimento satírico: para Geertz, as ironias de Ruth Benedict são sinceras e o que mais ressalta no seu texto é o alto grau de seriedade que ela transmite.

Ruth Benedict, então, merece um lugar de destaque entre os clássicos porque escreveu "mais para constranger o mundo do que para divertí-lo" (:128). As consequências perversas desta reabilitação são óbvias: se os limites da antropologia estão demarcados pela opção entre "constranger" e "divertir", nosso mundo é muito pobre. A visão que Geertz propaga do trabalho de Ruth Benedict mostra que, ao reduzir o texto etnográfico à sua dimensão retórica, a medida do sucesso da disciplina dependerá do número de cópias vendidas. Antropologia como best-seller.

*

Recuperando Ruth Benedict para o panteão dos ancestrais, atacando o britanismo de Evans-Pritchard, valorizando as reflexões etnográficas de Lévi-Strauss mas desmerecendo seus trabalhos mais reconhecidos, e usando Malinowski para admoestar a

nova geração, Clifford Geertz passela pela tradição da antropologia em ensaios ora irônicos, ora espirituosos, com frequência cômica. Geertz é aqui um leitor mais mordaz e desafiador do que empático. Estes são ensaios dirigidos a quem conhece antropologia: são textos para iniciados, já que Geertz não discute contexto, mas apenas linguagem, e sugere que fazer antropologia é somente uma questão de convencimento, sugestão, estilo e retórica. O termo "teoria" está conspicuamente ausente - mesmo via linguagem --, exceto em um parágrafo sugestivo:

"Certainly, with the appearance of the so-called British 'school' of social anthropology, which is held together far more by this manner of going about things in prose than it is by any sort of consensual theory or settled method, this 'theatre of language' has become the most prominent. (What E-P, A.R. Radcliffe-Brown, Meyer Fortes, Max Gluckman, Edmund Leach, Raymond Firth, Audrey Richards, S.F. Nadel, Godfrey Lienhardt, Mary Douglas, Emrys Peters, Lucy Mair, and Rodney Needham share, aside from rivalry, is tone, though some of them are greater masters of it than others.)" (:59)

Depois de mostrar que ele, Geertz, conhece os autores e sabe o que está dizendo, percebe-se que sua irreverência não é gratuita. Geertz reconhece uma crise atual de tais proporções que chega a se perguntar se o próprio empreendimento de se escrever

etnografias não está em risco. O problema da inadequação das palavras à experiência, que os "fundadores da discursividade" enfrentaram, hoje é inseparável de questões morais, políticas e epistemológicas. Na época de Lévi-Strauss, Evans-Pritchard, Malinowski e Ruth Benedict, diz Geertz, o problema era apenas técnico: o que eles faziam podia parecer estranho, mas era admirado; para eles os sujeitos da observação e a audiência para a qual escreviam estavam separados e moralmente desligados. Descrevia-se para uns o que se observava em outros. Hoje domina um medo da hipocrisia, sentimentos de desilusão e de estranhamento e a própria descrição como tal é questionada. Para alguns, como Stephen Tyler por exemplo, a descrição deve ser substituída pela evocação (:136).

A crise sentida por Geertz faz parte de uma tendência dominante na ideologia moderna, mas se crises existem, elas não nasceram ontem. Malinowski certamente enfrentou uma crise moral e epistemológica, o polonês que ousou legitimar-se contra o evolucionismo britânico; Evans-Pritchard, mesmo tendo se mostrado indiferente ao relatar as operações militares da Segunda Guerra, questionou a própria racionalidade dos ocidentais e seus princípios de governo; Lévi-Strauss, quem sabe, não terá optado pela via estruturalista como saída para o impasse moral resultante do encontro etnográfico? Por sua vez, Ruth Benedict não pode ser isentada de seu envolvimento em serviços de espionagem durante a guerra apenas porque divulgou a "nativização" dos Estados Unidos em vinte e quatro línguas.

Pensar, então, que os "fundadores da discursividade" eram legítimos no seu tempo talvez seja uma atitude fácil e

simplicadora. É mais possível supor o oposto: que a antropologia era um empreendimento e vocação tão questionáveis até o meio do século que ela abrigava, na sua maioria, imigrantes e mulheres, sendo raros na história da disciplina aqueles que, como Evans-Pritchard, tinham um lugar assegurado por nascimento na sua sociedade.

Como qualquer outra instituição cultural, diz-nos Geertz em aparente contradição com seus próprios ensaios, a antropologia "is of a place and in a time" (:146). A antropologia de Geertz é também de um lugar e de um tempo: os Estados Unidos dos anos 70 e 80, que partilham o ideal de uma visão democrática do mundo. Esta visão da antropologia remonta, se não antes, a Franz Boas e aos estudos sobre o racismo do início do século. A proposta atual de Geertz constitui-se num refinamento desta tradição pela expectativa nela implícita de que o discurso etnográfico possa ser a ponte para o diálogo através das linhas divisórias das sociedades -- linhas de separação étnicas, de religião, de classe, de gênero, de linguagem e de raça (:147). A proposta, reafirmada desde A Interpretação das Culturas (Geertz, 1973) e posta em prática por alguns antropólogos por ela inspirados (Fischer, 1980, por exemplo), é de que a antropologia possa "alargar a possibilidade de discurso inteligível entre povos muito diferentes uns dos outros em interesse, aparência, riqueza e poder" (:147). Fazendo parte de um mundo onde é cada vez mais difícil evitar o encontro, este programa responderia à crise moral e política que se apresenta nos dias de hoje.

A consciência da crise é séria e o resultado incerto.

Mas como Geertz não percebe ou não admite uma saída que seja ao mesmo tempo moral e teórica e, se é verdade, como ele prega, que "the way of saying is the what of saying", então ele está brincando e ironizando, e não dizendo muito. Pode-se mesmo questionar que tipo de diálogo é possível tendo como base a irreverência e a ironia. Por outro lado, Geertz parece não se dar conta que, independentemente da maneira como outros clássicos escreveram (Weber, Freud, Marx, etc.) seus problemas teóricos permaneceram, passado mais de um século, e o conteúdo do que produziram não foi ofuscado pelo tempo. É um sinal da escuridão e da pobreza da nossa tradição das ciências sociais contemporâneas, diz-nos o filósofo hindu A.K. Saran, que "aqueles que têm a grandeza de perceber a verdadeira natureza da civilização moderna e ver que o seu destino está selado não tenham a magnanimidade de oferecer nada mais que ... uma ciência melancólica, ou uma arqueologia irônica ... ou uma teoria da cultura irônica, uma secularização de segunda mão ou uma sociologia do naufrágio" (Saran, 1987:32). A citação parece pertinente aqui.

Nas mãos do próprio Geertz, a etnografia do pensamento moderno que ele propôs em "The Way We Think Now" perde a candura: Geertz escreve com um objetivo específico -- criar o desejado diálogo -- e a história para ele se transforma num mito que ele cria para provelto próprio². Em 1988, Geertz está longe de ver a cognição e o imaginário como temas sociais segundo a proposta de 1983: na medida do seu interesse imediato, é a linguagem, o sucesso, as guerras ou a espionagem que recebem seu aplauso ou reprovação.

Ler Geertz é importante. É importante porque nos faz pensar sobre o texto antropológico como texto literário, nós que também vivemos o dilema da cientificidade. É bom estar alerta, no entanto, para o perigo do esteticismo, que o próprio Geertz reconhece e aponta, apesar da inconsistência que demonstra em relação a ele: a de que os etnólogos fiquem muito presos à questão da retórica e, por exemplo, possam acreditar que o valor dos textos sobre tatuagens ou feitiçaria se exaure nos prazeres da escrita (:142).

É interessante que esta observação seja feita apenas nas últimas páginas do livro: afinal, o leitor foi bombardeado com críticas à retórica nos ensaios anteriores. Mas é só neste último capítulo, quando Geertz focaliza a questão do being here, que entendemos melhor o alcance de suas observações. É então que Geertz reconhece as energias que criaram a antropologia em dois fenômenos específicos -- primeiro, na expansão imperial do ocidente e, segundo, na crença salvacionista da ciência (:146).

Neste contexto, Evans-Pritchard leva a pior porque é culpado das duas: a segurança e o convencimento do seu estilo servem de evidências a Geertz de que ele participou da crença nos poderes da ciência e deu sua aquiescência ao poder colonial. Já Ruth Benedict, cuja contribuição à antropologia pode ser questionada, recebe os louvores de quem foi protagonista popular e democrática. E como em Irisie Iropiques ecoam diferentes gêneros literários sem que o livro se enquadre em nenhum deles, pode-se dizer que aí não há ciência nem colonialismo: frente ao choque do estranhamento, Lévi-Strauss fica, bem ao agrado de

Geertz, perpelexo, à procura do tempo perdido ou da tribo que não consegue alcançar. O livro se transforma então no modelo contemporâneo de construção etnográfica. Enfatizando o diálogo democrático, a proposta de Geertz surge como oposta à de Evans-Pritchard, o vilão da história, e a opção pelo discurso irônico, *cuje*, pontilhado de vírgulas e intercalado por orações subordinadas, repleto de citações estrangeiras, exorciza um sentimento de culpa imperialista de Geertz aparentemente partilha. Explica-se, então, tanto a irritação que lhe causa Evans-Pritchard quanto as leituras amáveis mas tendenciosas que fez de Lévi-Strauss e Ruth Benedict.

Ao leitor brasileiro cabe finalmente lembrar que tudo isso nos faz pensar que o nosso *being here* difere substancialmente daquele de Geertz. Aqui, não só a legitimação da profissão não se dá apenas dentro dos muros da academia, como *being here* e *being there* frequentemente se confundem. Se o estilo de Geertz resulta de uma postura anti-colonial que pretende ser, ao mesmo tempo, anti-cientificista, fica claro que adotar uma retórica semelhante à de Geertz somente nos faria pobres imitadores de um sentimento de culpa que seria patético incorporarmos. Por outro lado, ler Lévi-Strauss, Malinowski, Ruth Benedict e Evans-Pritchard à maneira de Geertz igualmente significaria uma perda da nossa independência intelectual, empobrecendo a contribuição que estes autores deram à disciplina. No nosso lugar e no nosso tempo, Geertz precisa ser integrado, mas criticamente, depois de iniciados no fazer antropológico.

* GEERTZ, Clifford. Work and Lives. The Anthropologist as Author. Stanford, Stanford University Press, 1988, 157 páginas.

BIBLIOGRAFIA

BARNES, Julian. Flaubert's Parrot. New York: McGraw-Hill, 1985.

CRAPANZANO, Vincent. Hermes' dilemma. The masking of subversion in ethnographic description. In Writing Culture. The Poetics and the Politics of Ethnography. (J. Clifford e G. Marcus, orgs.): 51-76, Berkeley: The University of California Press, 1986.

EVANS-PRITCHARD, E.E. Social Anthropology. Londres, 1951.

FISCHER, Michael. Iran. From Religious Dispute to Revolution. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

GEERTZ, Clifford. The Interpretation of Cultures. New York: Basic Books, 1973.

----- . Local Knowledge. Further Essays in Interpretive Anthropology. New York: Basic Books, 1983.

----- . Works and Lives. The Anthropologist as Author. Stanford, Stanford University Press, 1988.

HORTON, Robin. African Traditional Thought and Western Science. In Africa vol. 37:50-71, 1967.

MAYBURY-LEWIS, David. The Savage and the Innocent. Boston: Beacon Press, 1965.

----- . Akwé-Shavante Society. Oxford, Oxford University Press, 1967.

RABINOW, Paul. Discourse and power: on the limits of ethnographic texts. In Dialectical Anthropology vol. 10 n.1-2:1-13, 1985.

SARAN, A.K. Max Weber and the End of Comtean Sociology.
Trabalho apresentado no seminário "Marx and Weber.
Classical Theory for Contemporary Societies", Max
Mueller Bhavan, New Delhi, 8-11 outubro de 1987.

TAMBIAN, S.J. *Culture, Thought and Social Action*. Cambridge,
Harvard University Press, 1985.

TRAJANO, Wilson. Que barulho é esse, o dos pós-modernos? in
Anuário Antropológico/86: p. 133-51.

SÉRIE ANTROPOLOGIA

TÍTULOS PUBLICADOS

01. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Povos Indígenas e Mudança Sócio-Cultural na Amazônia, 1973. Republicado (*) em A Sociologia do Brasil Indígena, do mesmo autor. 2ª edição, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília: Ed. UnB, 1978: 173-196, e em Man in the Amazon, org. por Charles Wagley, Gainesville: The University Presses of Florida, 1974: 111-135.
02. RAMOS, Alcida Rita. Nomes Pessoais e Classificação Social na Sociedade Sanumá (Yanoama), 1973. Republicado no Anuário Antropológico/76: 13-38 e em Peasants, Primitives and Proletariats, org. por Brownman e Schwartz, Haia: Mouton, 1979: 191-205.
03. MELATTI, Julio Cezar. O Sistema de Parentesco dos Índios Krahó, 1973. Republicado em Dialectal Societies, org. por D. Maybury-Lewis, Cambridge: Harvard University Press, 1979: 46-79.
04. RAMOS, Alcida Rita e Peirano, Mariza G. e S. O Simbolismo da Caça em Dois Rituais de Nominção, 1973.
05. WOORTMANN, Klaas. Comunidade e Haciendas no Perú Andino: Contribuição a uma Sociologia do Campesinato Latino-Americano, 1973.
06. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Um Conceito Antropológico de Identidade, 1974. Republicado em Alter 3(4), 1973: 208-219 e em Identidade, Etnia e Estrutura Social, do mesmo autor, São Paulo: Pioneira, 1976: 33-52.
07. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Processos de Articulação Étnica, 1974. Republicado em Identidade, Etnia e Estrutura Social, do mesmo autor, São Paulo: Pioneira 1976: 53-73, e em Processos de Articulación Social, org. por Hermitte e Bartolomé, Buenos Aires: Amorrotur, 1977: 282-304.
08. MELATTI, Julio Cezar. Reflexões sobre Algumas Narrativas Krahó, 1974. A maioria das narrativas, sem as reflexões, republicadas em Folk Literature of the Gê Indians, vol. II, org. por J. Wibert e K. Simoneau, Los Angeles: University of California-UCLA, 1984: 316-354.
09. RAMOS, Alcida Rita. Identidade Étnica numa Situação Intertribal, 1974. Republicado em Hierarquia e Simbiose, org. pela mesma autora, São Paulo: MUCITEC, Brasília: INL, 1980: 23-65.
10. RAMOS, Alcida Rita. Mundurucu. Mudança Social ou Falso Problema?, 1974. Republicado em American Ethnologist, 5, 1978: 675-689.
11. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Possibilidade de uma Antropologia da Ação entre os Tukuna, 1975. Republicado em América Indígena 37(1), 1977: 145-169 e em Sociologia do Brasil Indígena, do mesmo autor, 2ª ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília: Ed. UnB.
12. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Reconsiderando Etnia, 1975. Republicado em Identidade, Etnia e Estrutura Social, do mesmo autor, São Paulo: 1976: 79-109.

(*) Os textos republicados nem sempre o são na mesma língua e por vezes sofrem modificações no título e na redação.

13. MELATTI, Julio Cezar e MONTAGNER MELATTI, Delvair. Relatório sobre os Índios Marúbo, 1975.
14. ZARUR, George de C. Leite. Pescadores do Golfo do México: Racionalidade Econômica e Sistema Social, 1976.
15. ZARUR, George de C. Leite. Repensando o Conceito de Matrifocalidade, 1976.
16. RAMOS, Alcida Rita. Extinção, Alienação ou Simbiose? 1977. Republicado como Introdução a Hierarquia e Simbiose, pela autora, São Paulo: HUCITEC, Brasília: INL, 1980: 01-17.
17. CADAXA, Maria. No Burgo do Tempo Perdido: Vondervotteimittis Revisitado, 1977.
18. RAMOS, Alcida Rita e ALBERT, Bruce. Descendência e Afinidade: O Contraste entre Duas Sociedades Yanomama, 1977. Republicado nas Atas do XLII Congresso Internacional dos Americanistas, vol. II. Paris, 1977: 71-90.
19. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Leitura de Mauss, 1977. Republicado como Introdução à Mauss, org. pelo autor. São Paulo, Ática, 1979: 05-50.
20. WOORTMANN, Klaas. Hábitos e Ideologia Alimentares em Grupos Sociais de Baixa Renda. Relatório Final, 1978.
21. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Identidade e Estrutura Social, 1978. Republicado no Anuário Antropológico/78: 243-263 e em Enigmas e Soluções, do mesmo autor, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983: 103-125.
22. LARAIA, Roque de Barros. A Situação das Minorias Étnicas no Brasil, 1978. A parte referente ao negro, ampliada, republicada no BIB 7: 1979: 11-21.
23. LUSTIG-ARECCO, Vera. Adaptação à Caça: Uma Análise Comparativa, 1978. Republicado na Revista de Antropologia 22, 1979: 39-60.
24. MELATTI, Julio Cezar. À Procura de uma Classificação dos Personagens Mítico-Rituais Timbiras, 1979. Republicado no Anuário Antropológico/79: 99-130.
25. SYGAUD, Lygia Maria. O Sindicato e a Estratégia do Capital, 1979.
26. AMARAL, Custódia Selma Sena do. Durkheim e o Estudo das Representações, 1979. Republicado no Anuário Antropológico/82: 134-164.
27. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Etnia e Estrutura de Classes, 1980. Republicado no Anuário Antropológico/79: 57-78 e em Enigmas e Soluções, do mesmo autor, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983: 126-149.
- 27a. SILVERWOOD-COPE, Peter L. Os Maku - Povo Caçador do Noroeste da Amazônia, 1980. o 3º capítulo foi publicado no Anuário Antropológico/78: 176-239.
28. SILVERWOOD-COPE, Peter L. The Secret of The Pagodas (Religion and Politics in South-East Asia) 1981. Traduzido para o português no nº 62 desta mesma Série.
29. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. As Categorias do Entendimento na Formação da Antropologia, 1982. Republicado no Anuário Antropológico/81: 125-146.
30. PEIRANO, Mariza G. e S. Documentos e Identidade Social (Algumas Reflexões sobre Cidadania no Brasil), 1982. Republicado em Sociedade e Estado, vol. 1 nº 1: 49-63.
31. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "Sociedade Plural" e Pluralismo Cultural no Brasil, 1982. Republicado em Tempo Brasileiro 71, 1983: 07-17 e em Proceedings of the American Ethnological Society. Washington, 1984: 35-48.

32. RAMOS, Alcida Rita. Sociedades Indígenas, 1982. Republicado com cortes, como volume da Série Princípios, São Paulo: Ática, 1986.
33. MACHADO, Lia Zanotta. Identidade e Individualismo, 1982.
34. FISCHER, Michael K. From Interpretive to Critical Anthropologies, 1982. Republicado no Anuário Antropológico/83: 55-72.
35. PEIRANO, Mariza G. e S. Etnocentrismo às Avessas: O Conceito de "Sociedades Complexas", 1982. Republicado em Dados 26(1), 1983: 97-115.
36. LARAIA, Roque de Barros. O Conceito Antropológico de Cultura, 1983. Republicado com o título Cultura: Um Conceito Antropológico, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
37. PEIRANO, Mariza G. e S. a Antropologia Esquecida de Florestan Fernandes: Os Tupinambá, 1983. Republicado no Anuário Antropológico/82: 15-49.
38. MELATTI, Julio Cezar. Antropologia no Brasil: Um Roteiro, 1983. Republicado no 818 17, 1984: 3-52.
39. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Introdução a uma Leitura de Rivers, 1984. A ser republicado como Introdução a Rivers, org. pelo autor, São Paulo: Ática.
40. MOORTMANN, Klaas. A Família Trabalhadora, 1984. Republicado em Ciência Hoje 3(13), 1984: 26-31 e em Ciências Sociais Hoje/1984, São Paulo: Cortez/ANPOCS, 1984: 69-87.
41. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Tempo e Tradição: Interpretando a Antropologia, 1984. Republicado no Anuário Antropológico/84: 191-203.
42. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. A "Categoria da Causalidade" na Formação da Antropologia, 1984. Republicado no Anuário Antropológico/83: 11-52.
43. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Leitura e Cultura de uma Perspectiva Antropológica, 1984.
44. PEIRANO, Mariza G. e S. O Antropólogo como Cidadão: Louis Dumont e o Caso Brasileiro, 1984. Republicado em Dados 29 (1), 1985: 27-43.
45. RAMOS, Alcida Rita. Categorias Étnicas do Pensamento Sanumá: Contrastes Intra e Inter-Étnicos, 1984. Republicado no Anuário Antropológico/84: 95-108.
46. MACHADO, Lia Zanotta e MAGALHÃES, Themis Quezado de. Imagens do Espaço: Imagens de Vida (Um Estudo sobre Brasília) 1984. Republicado em Brasília, Ideologia e Realidade: Espaço Urbano em Questão, org. por Aldo Paviani, São Paulo: Projeto, Brasília, CNPq, 1985: 191-214.
47. MACHADO, Lia Zanotta. Família, Honra e Individualismo, 1985.
48. MELATTI, Julio Cezar. A Origem dos Brancos no Mito de Shoma Wetsa, 1985. Republicado no Anuário Antropológico/84: 109-173.
49. MELATTI, Julio Cezar. Curt Numuendajú e os Jê, 1985.
50. MOORTMANN, Klaas. A Comida, a Família e a Construção do Gênero Feminino, 1985. Republicado em Dados, vol. 29, nº 1, 1986: 103-130.
51. RAMOS, Alcida Rita; LAZARIN, Marco Antonio e GOMEZ, Gale Goodwin. Yanomami em Tempo de Ouro (Relatório de Pesquisa) 1985. Republicado em Cultura Indígena de la Amazonia. Catálogo del Quinto Centenario. Madrid: Biblioteca Quinto Centenario, 1986:73-83.
52. RAMOS, Alcida Rita. Sociedades Indígenas. A Classificação de Parentes, 1986. Trecho do

nº 32 da Série Antropológica não publicado no volume da Coleção Princípios, São Paulo: Ática, 1986.

53. PEIRANO, Mariza G. e S. O Encontro Etnográfico e o Diálogo Teórico. Republicado no Anuário Antropológico/85. Rio: Tempo Brasileiro, 1986.
54. MELATTI, Julio Cezar. "Menia: A Origem Mitológica da Cultura Marúbo", 1986.
55. LARAIA, Roque de Barros. Os Estudos de Parentesco no Brasil, 1987. Republicado em BIB 23. 1987: 3-17.
56. CARVALHO, José Jorge de. O Jogo das Bolinhas de Vidro: Uma Simbólica da Masculinidade, 1987. A sair no Anuário Antropológico/87.
57. PEIRANO, Mariza G. e S. A Índia das Aldeias e a Índia das Castas: Reflexões sobre um Debate, 1987. Republicado em Dados, vol. 30, nº 1, 1987: 109-122.
58. PEIRANO, Mariza G. e S. O Pluralismo de Antonio Candido, 1987.
59. CARVALHO, José Jorge de. A Força da Nostalgia: A Concepção de Tempo Histórico dos Cultos Afro-Brasileiros Tradicionais, 1987. Republicado em Religião e Sociedade, vol. 14, nº 2, 36-61. 1988.
60. LARAIA, Roque de Barros. Etnologia Indígena Brasileira: um Breve Levantamento, 1987.
61. SEGATO, Rita Laura. Algunas Propuestas para un Estudio del Cambio Religioso: La Expansión Evangélica en la Quebrada y Puña Jujenas, 1987.
62. SILVERWOOD-COPE, Peter L. O Segredo dos Pagodes: Religião e Política no Sudeste Asiático, 1987. Tradução do nº 28 desta Série.
63. SENA, Custódia Selma. Em Favor da Tradição ou Falar é Fácil, Fazer é que são Elas. 1987.
64. LARAIA, Roque de Barros. A Morte e as Mortes de Curt Nimuendajú, 1988. in Ciência Hoje, vol. 8, nº 44.
65. PEIRANO, Mariza G.S. "Are You Catholic? Relato de viagem, Reflexões Teóricas & Perplexidades Éticas. 1988. Republicado em Dados, vol. 31, nº 2, p. 219-242.
66. RAMOS, Alcida Rita. Vozes Indígenas: O Contato Vivido e Contado. 1988. A sair no Anuário Antropológico/87 e em Nation-State and Indian in Latin America, org. por Greg Urban e Joel Sherzee.
67. RAMOS, Alcida Rita. A Antropologia Brasileira Vista Através do Anuário Antropológico. 1988.
68. LARAIA, Roque de Barros. A Morte nas Sociedades Tupi-Guarani, 1988.
69. WOORTMANN, Klaas A.W. "Com Parente não se Neguecia": O Camponato como Ordem Moral, 1988. A sair no Anuário Antropológico/87.
70. RIBEIRO, Gustavo Lins. Descotidianizar. Extrañamiento y Conciencia Práctica. Un Ensayo sobre la Perspectiva Antropológica. 1988.
71. CARVALHO, José Jorge. A Antropologia e o Nihilismo Filosófico Contemporâneo, 1988. Republicado no Anuário Antropológico/86, 153-181. Brasília: Ed. UnB/Tempo Brasileiro.
72. ARAGÃO, Luiz Farlei de. Perspectivas de Ocupação do Cerrado na Região de Brasília ou Notas para uma Antropologia do Sertão, 1988.

73. SEGATO, Rita Laura. A Vida Privada de Iemanjá e seus Filhos: Fragmentos de um Discurso Político para Compreender o Brasil. 1988. A sair no Anuário Antropológico/87.
74. CARVALHO, José Jorge de. Violência e Caos na Experiência Religiosa, 1988.
75. SEGATO, Rita Laura. A Antropologia e a Crise Taxonômica na Cultura Popular. 1988. A sair pelo INF. FUNARTE.
76. PEIRANO, Mariza Gomes e Souza. Teoria e Prática da Antropologia: Dois Exercícios. 1988.
77. CARVALHO, José Jorge de. O Lugar da Cultura Tradicional na Sociedade Moderna. 1988.
78. MELATTI, Julio Cesar. Dos Alicerces Somáticos das Culturas Panos Considerados Por Elas Próprias. 1989.
79. KRACKE, Naud. O Poder do Sonho no Xamanismo Tupi (Parintintin). 1989.
80. CARVALHO, José Jorge de. Nietzsche e Xangô: Dois Mitos do Ceticismo e do Desmascaramento. 1989.
81. RIBEIRO, Gustavo Sérgio Lins. Militares, Antropologia, Desenvolvimento¹ (Uma Abordagem Preliminar). 1989.

100

100